

O Estado da Educação em Portugal

– visto por Maria Emília Brederode Santos **JL**/Educação



**JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS**

JL

Ano XL • Número 1317 • De 24 de março a 6 de abril de 2021
• Portugal (Cont.) €3,30 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos



JOSÉ GARDEAZABAL **A Quarentena** **(em) novo romance**

Entrevista de Luís Ricardo Duarte,
pré-publicação, crítica de Miguel Real

PÁGINAS 10 A 13

Elvira Fortunato

A revolução de papel

A Autobiografia, para o JL, da investigadora com uma obra notável, agora distinguida com o Prémio Pessoa. E texto de Rosalia Vargas, presidente da Ciência Viva PÁGINAS 6 A 9



Graça Fonseca **A construção coletiva da Cultura**

A ministra escreve sobre
a situação atual do sector
e os projetos para o futuro PÁGINA 27

**A coleção de arte
da Câmara de Lisboa**
*** Alternativas para o país,
por José Reis * Camões**



ELVIRA FORTUNATO, PRÉMIO PESSOA

É uma das cientistas mais influentes na Europa, com uma linha de investigação que tem feito descobertas extraordinárias, com incontáveis aplicações práticas. A sua engenharia dos materiais tem possibilitado soluções mais amigas do ambiente, nomeadamente as que recorrem a transístores e chips de papel. Se o futuro não se prevê, inventa-se, o seu percurso pode bem ser o exemplo dessa máxima que, perante os desafios que enfrentamos, se torna cada vez mais premente. Por tudo isto foi agora distinguida com o Prémio Pessoa, uma iniciativa do *Expresso* com o patrocínio da Caixa Geral de Depósitos, uma das muitas distinções que tem vindo a receber nos últimos anos, a par de bolsas, medalhas de mérito e condecorações. O JL dedica estas páginas à obreira de uma verdadeira "revolução de papel", como intitula a sua Autobiografia, escrita para o JL. Antes dela a notícia do galardão, e a análise/opinião de Rosalia Vargans, presidente da Ciência Viva e do Pavilhão do Conhecimento

Ciência com os olhos no futuro

« Cientista que rasgou os horizontes do futuro, engenheira capaz de encontrar novas soluções para o dia-a-dia, personalidade de excepcional projeção internacional. O Prémio Pessoa atribuído no passado dia 11 a Elvira Fortunato tem sido celebrado por diversos sectores da sociedade portuguesa, o que não espanta. A versatilidade e conjugação de vários saberes é uma das marcas mais distintivas do seu singular percurso, agora distinguido com um dos mais prestigiados galardões portugueses.

Para Elvira Fortunato, pode dizer-se, é mais um prémio numa lista já longa e em crescimento acelerado. "Por alguma razão o seu nome tem vindo a ser falado para o Nobel", lembra, ao JL, Carlos Mineiro Alves, que em nome da Ordem dos Engenheiros, da qual é bastonário, formalizou a candidatura da cientista ao Prémio Pessoa, uma iniciativa do *Expresso* com o patrocínio da Caixa Geral de Depósitos.

Os seus argumentos convenceram o júri liderado por Francisco Balsemão (presidente) e Emílio Rui Vilar (vice presidente) e constituído ainda por Ana Pinho, António Barreto, Clara Ferreira Alves, Diogo Lucena, Eduardo Souto de Moura, José Luís Porfírio, Maria Manuel Mota, Pedro Norton, Rui Magalhães Baião, Rui Vieira Nery e Viriato Soromenho-Marques. "Ao atribuir-lhe o Prémio Pessoa 2020, o Júri consagra uma carreira de excepcional projeção, dentro e fora do país, mas também reconhece um contributo notável para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação português", lê-se na justificação do prémio. "A ideia de usar o papel como um material eletrónico abriu portas, em 2016, a futuras aplicações em produtos farmacêuticos, embalagens inteligentes ou *microchips* recicláveis, ou até páginas de jornal ou revistas com imagens em movimento".

A dimensão europeia do seu trabalho também não foi esquecida



Elvira Fortunato "A palavra impossível não entra no laboratório"

pelo júri, que sublinhou a promoção de uma plataforma associada à eletrónica flexível que usa materiais eco-sustentáveis e facilmente recicláveis, de forma a promover as interfaces e sistemas de comunicação de baixo custo e mais ajustadas a um futuro duradouro". Por último, foi ainda destacado o percurso académico e a capacidade de "enfrentar os problemas das relações entre o Estado e as empresas, assim como entre a investigação e a tecnologia, estimulando o trabalho de cooperação entre instituições".

Sétima mulher distinguida com o Prémio Pessoa, é também a primeira engenheira, o que explica o contentamento de Carlos Mineiro Alves. "Nas suas investigações e projetos, Elvira Fortunato olhou sempre para a frente", argumenta o bastonário. "O

seu sucesso está na perceção, desde a primeira hora, das necessidades de futuro, que passam necessariamente pela sustentabilidade e por soluções amigas do ambiente. Se se pode entender a missão da engenharia como a de criar e melhorar as condições de vida, como faz a medicina, o seu trabalho é o exemplo maior desse esforço e espírito", acrescenta.

ARRISCAR E DESCOBRIR

A fórmula é a mesma há milhares de anos. "Não há nada como experimentar", assegurava Elvira Fortunato em entrevista ao JL, publicada no número 1191, de 25 de maio de 2016. E experimentar mesmo quando se tem muitas dúvidas. "A palavra impossível não entra no laboratório, porque os materiais às vezes podem surpreender-nos. É por isso que digo

aos meus alunos que não há mais materiais, todos são bons. Depende da aplicação. O nosso caixote do lixo está sempre vazio".

Com esta convicção Elvira Fortunato e a sua equipa do CENIMAT (Centro de Investigação em Materiais da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa) têm realizado descobertas que já despertaram o interesse da comunidade científica internacional e de várias empresas multinacionais. Entre as mais notadas estão as novas tecnologias amigas do ambiente, como transístores e *microchips* de papel, que substituem o silício por materiais orgânicos, mais baratos e recicláveis, e que poderão ser aplicados em objetos do dia-a-dia.

Apesar de estudar até à partícula mais elementar dos materiais, recorrendo às potencialidades da nanotecnologia, Elvira Fortunato sempre pensou em larga escala. À famosa ode de Ricardo Reis, que tem pendurada no seu laboratório para inspiração dos alunos, foi buscar a vontade de se ser "grande" e "inteiro" em tudo o que faz. O seu currículo dá conta de como procurou sempre estar à altura daquela ambição.

Em 2015, presidiu à Comissão Organizadora das Comemorações do Dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas. Na ocasião, afirmou: "A nossa maior e quiçá única riqueza são as pessoas. Não temos ouro, petróleo nem diamantes, mas temos um legado para deixar às novas gerações". E pensando na aplicação prática da Ciência, acrescentou: "A criação de valor através do conhecimento é hoje um dos ativos mais importantes do nosso país. O nosso futuro passará pela transferência das qualificações dos nossos jovens para as empresas, para que produzam resultados concretos na criação de técnicas e de produtos inovadores, estimulando a economia e a criação de emprego." JL

Nas suas investigações, olhou sempre para a frente. O seu sucesso está na perceção, desde a primeira hora, das necessidades de futuro, que passam pela sustentabilidade
Carlos Mineiro Alves

Investigar como forma de tornar os sonhos realidade

ROSALIA VARGAS

«São inúmeras as razões para premiar as mulheres que fazem ciência. Elvira Fortunato (EF) foi pioneira na investigação europeia sobre a eletrónica transparente. Recebeu em 2008 uma bolsa avançada do European Research Council – ERC, na área da engenharia, com o projeto “Invisível”, considerado uma história de sucesso e uma ideia arrojada e inovadora a nível mundial. No mesmo ano, com a sua equipa do CENIMAT-i3N – Centro de Investigação de Materiais, demonstrou a possibilidade de fazer o primeiro transistor de papel, iniciando um novo campo na área da eletrónica. Atualmente dirige também o i3N – Instituto de Nanoestruturas, Nanomodelação e Nanofabricação.

Acreditem que ouvi-la falar do que faz é um esbugarhar de olhos para os jovens: conhecer e estar perto de alguém que toca no que não vemos, que torna visível de outra e de muitas maneiras aquilo que precisamos e utilizamos depois, numa transferência de conhecimento para artefactos que são resultado de progresso e inovação.

Recentemente, EF cumpriu um mandato de cinco anos como Chief Scientific Advisor da Comissão Europeia, num grupo restrito de sete personalidades convidadas a título pessoal pelo seu mérito científico. O seu trabalho integra o Mecanismo de Aconselhamento Científico (SAM – Scientific Advice Mechanism) que, em conjunto com mais de 100 académias e sociedades científicas europeias, permite que as decisões da Comissão Europeia se possam basear no conhecimento científico mais recente. As brochuras produzidas explicam temas científicos de grande atualidade para a sociedade, de forma a que possam ser compreendidos por cidadãos não especialistas. Se, por exemplo, quisermos saber se o nosso sistema alimentar é sustentável, qual o impacto da mudança climática na saúde ou como será o envelhecimento no futuro, os relatórios do SAM são uma leitura acessível baseada no conhecimento mais atualizado das melhores instituições científicas europeias.

Elvira Fortunato integra ainda a lista de 2020 da Universidade de Stanford dos cientistas mais citados a nível mundial, no topo 2% das respetivas áreas, acompanhada por mais 22 investigadores da sua Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Nova de Lisboa. E sabemos também que publicou mais de 500 artigos, e que nos últimos 10 anos obteve mais de 18 prémios internacionais e distinções. Claro



Elvira Fortunato a falar no Ciência Viva "Podem imaginar quantos jovens já motivou para a ciência e para a tecnologia?"

que poderia continuar a enumerar razões que assentam nos factos e justificam todo o reconhecimento a EF, mas prefiro desviar a atenção dos leitores para duas ou três coisas que a tornam ainda mais especial na ciência e no modo como a faz.

NO LIVRO MULHERES NA CIÊNCIA ESCREVEU em poucas linhas o que faz e porque é que “fazer investigação é tornar os sonhos realidades, conseguir provar que por vezes o impossível é possível, estarmos sempre insatisfeitos pois queremos atingir a perfeição, partilharmos sempre tudo, os bons e os maus resultados, ter liberdade, viver a ciência de forma apaixonada”.

Podem imaginar quantos jovens já motivou para a ciência e para a tecnologia nos últimos 15 anos? Sim, durante o verão, quando escolhe receber estudantes do ensino secundário nos períodos de férias no seu laboratório. É quando a Costa da Caparica se abre aos que escolhem trocar a toalha de praia pela bata do laboratório. Acolhe-os, juntamente com a sua equipa, e diz-lhes “eu sou engenheira microeletrónica”, e sabemos que naquele momento aqueles jovens, rapazes e raparigas anseiam por perceber qual é o momento da descoberta, como foi chegar àquele momento em que o papel se diluiu em ondas eletrónicas e se torna maleável para a leitura, se dobra, se ilumina, se torna realidade vinda da ficção.

Podem imaginar o que é ouvi-la,

Alguém que toca no que não vemos, torna visível de outra e de muitas maneiras aquilo que precisamos e utilizamos depois, numa transferência de conhecimento para artefactos que são resultado de progresso e inovação

Sendo excelente no que faz e generosa na partilha, podemos dizer que o compromisso com as novas gerações é um caminho que continua a percorrer sabendo que pode influenciar escolhas

num centro Ciência Viva, numa palestra a meio de uma tarde de sábado para um público nada especialista? Pessoas que aparecem com os filhos, os netos, ou os amigos, para ouvirem a senhora cientista que lhes vai falar numa sala pequena, que percorreu um caminho que atravessou povoações até chegar ao lugar onde nasce a água. Sim, foi muito bonito vê-la no centro Ciência Viva do Alviela e saber que não rejeita convites que lhe tiram algum descanso de fim de semana para partilhar ciência e conhecimento com públicos tão diferentes dos que estão nas suas conferências entre pares.

Podem imaginar o que é vê-la na festa de final de ano letivo da Escola Ciência Viva no Pavilhão do Conhecimento? O auditório cheio de estudantes de palmo e meio, acompanhados de famílias e amigos, em março de 2018, a falar sobre eletrónica verde para um futuro sustentável, com um discurso cheio de exemplos que renderam a plateia a este tema tão importante para um futuro que se quer hoje a acontecer.

É ASSIM QUE CIENTISTAS COMO EF contribuem para enraizar a ciência na sociedade portuguesa e multiplicam oportunidades de contacto dos jovens com a atividade científica e tecnológica, disponibilizando-se para participar em debates, indo a escolas falar e ouvir os estudantes e dando sempre o seu testemunho e o seu rosto. Sem dúvida que estes exemplos

contribuem para Portugal apresentar números muito positivos, quando vemos que temos 54% de mulheres doutoradas, mais do que em países como o Reino Unido, a França ou a Dinamarca. Na verdade, Portugal é dos países da Europa onde é maior a percentagem de mulheres dedicadas à investigação, e esse facto não é estranho aos excelentes resultados que a ciência e a tecnologia portuguesas têm alcançado nas últimas duas décadas.

Mas há que motivar as nossas jovens para as áreas de engenharia, onde a nossa posição na Europa não ultrapassa 26%. É aqui que EF, agora Prémio Pessoa, pode com certeza influenciar escolhas, por exemplo, na engenharia eletrónica. Sendo excelente no que faz e generosa na partilha, podemos dizer que o compromisso com as novas gerações é um caminho que continua a percorrer sabendo que pode influenciar escolhas.

E ainda por cima sabemos que o faz algumas vezes de modo muito simples – o que, devemos dizer, está só reservado aos mais sabedores, como quando afirmou, numa entrevista, que o processo de fazer transistores é muito semelhante ao processo de fazer bolos em casa.

O sentido do bem comum que tem e que pratica, pondo o seu conhecimento ao serviço da coisa pública, está presente no discurso que proferiu no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em 10 de Junho de 2015, na qualidade de presidente da Comissão Organizadora das Comemorações. Disse ela: “Para além da política científica, Mariano Gago criou, na minha opinião, o que de melhor se fez em Portugal em prol da divulgação científica, que foi o Ciência Viva. Com o programa Ciência Viva nas suas várias vertentes, foi e é possível, levar a ciência à escola, levar a ciência aos cidadãos, levar a ciência à sociedade. Por tudo isto obrigada Mariano Gago, a ciência ficou muito mais rica e agradece tudo o que conseguiu fazer”.

Não vai ser preciso imaginar para sabermos quantas mulheres cientistas desenvolvem em Portugal e no estrangeiro trabalho meritório e comparável às melhores no mundo – são muitas e em número crescente. Mas hoje falamos de Elvira Fortunato, que recebe o seu mais recente prémio, o tão prestigiado Prémio Pessoa. São para ela as melhores felicitações e agradecimentos pelo que tem feito e pelo que sabemos que vai continuar a fazer e a inspirar muitos mais jovens para a ciência e tecnologia, que é como quem diz, para o conhecimento que é essencial ao progresso e ao bem-estar. JL

AUTOBIOGRAFIA

A revolução de papel

Embora não goste de falar de mim própria e muito menos escrever uma autobiografia, acabei por ser convencida a fazer este texto de forma resumida, sobre o meu percurso de vida.

Nasci em Almada a 22 de julho de 1964 na Rua São Salvador da Baía, pelas 16h, a uma quarta-feira. Os meus pais, naturais da Louriceira, concelho de Alcanena, vieram com cerca de 25 anos para Almada, depois de o meu pai ter terminado o serviço militar em Angola.

Entre para a pré-primária com 5 anos e depois ingressei na Escola n.º 1 de Almada, conhecida como Escola do Campo (de S. Paulo), na altura só para meninas, até finalizar a 4ª classe (agora o 4º ano). Ainda hoje me lembro muito bem da minha professora primária, a D. Joana, e tenho recordações muito vivas dessa altura. Durante esses quatro anos de escola primária a D. Joana capacitou-me a mim e às minhas colegas com o seu exemplo extraordinário de método e organização, e que constituíram as bases fundamentais do verdadeiro saber. A escola primária formatou-me e teve uma influência marcante em toda a minha vida. Sou capaz de me lembrar das aulas, das colegas, das brincadeiras de recreio como se tivessem sido ontem, e o mesmo já não posso dizer de anos mais recentes.

Tive uma infância normal e feliz, gostava de brincar com bonecas, a Nancy era a de que mais gostava. Além de ser uma excelente aluna em trabalhos manuais, aprendi tudo sobre bordados, bricolage e pintura. Nessa altura da infância tive o privilégio de ter sempre umas férias grandes no campo junto da natureza, na Louriceira, com os avós e os tios, as primas e os primos que vinham todos os anos de França.

Após a primária ingressei na Escola Preparatória D. António da Costa, a que se seguiu a Escola Secundária no Liceu Fernão Mendes Pinto. Foi precisamente quando já andava no liceu que, quer nas aulas de Biologia quer nas de Físico-Química, o gosto pelas ciências começou a despertar-me uma grande curiosidade. Lembro-me perfeitamente de numa aula de Biologia ter ficado fascinada com uma imagem, vista ao microscópio ótico, das células da cebola. É por esta época que também me apaixono pela literatura de ficção científica



Momentos de Elvira Fortunato Em cima, aos 2-3 anos (à esq.ª), aos 5 anos, em Almada (ao centro), e aos 17 anos (à dir.ª). Em baixo, aos 8 anos na escola (fila do meio, a 5ª a contar da dt.ª), e em 1987, quando terminou o curso de Engenharia (em baixo, à dir.ª)



e fico maravilhada com os livros de Júlio Verne, assim como com o livro *A história do átomo*, de Rómulo de Carvalho, que ainda guardo comigo.

Sportinguista de coração e muito influenciada pelo meu pai, ia de forma regular com ele aos estádios. Para além do estádio de Alvalade ia, com alguma frequência, a outros, pelo menos uma vez por ano ao do Bonfim, assistir ao Vitória de Setúbal-Sporting. Ainda no liceu lembro-me de, com uma colega, ter ido ao Sporting para jogar futebol, só que à data não havia equipa feminina, tive de me contentar com os jogos vistos da bancada. Ainda hoje vou com regularidade, pois o meu marido, prof. Rodrigo Martins, é doente pelo Sporting e em condições normais marcamos presença nos jogos, não só em Alvalade como pelo país.

Após ter terminado o liceu sa-

bia, com toda a certeza, que queria ser engenheira. Acontece que no ano de 1981/82 a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa tinha acabado de se instalar no Monte da Caparica, com cursos pioneiros no país. Candidatei-me, em 1982, a Engenharia do Ambiente, acabando, contudo, por ingressar em Engenharia Física e dos Materiais, uma área nova a nível nacional.

Foi logo no 1º ano, com a disciplina de Electrões em Cristais, dada pelo prof. Leopoldo Guimarães, que me apaixonei pela área dos Materiais Semicondutores, e mais tarde pela Microelectrónica. E foi precisamente quando o prof. Leopoldo Guimarães me convidou para ser monitora e ingressar no laboratório de investigação, na altura na linha 6 do Centro de Física Molecular das Universidades de

Lisboa (edifício Complexo II, no Instituto Superior Técnico) que o gosto pela investigação científica se começa a desenvolver. Durante os cinco anos de licenciatura fui sempre boa aluna, muito organizada e metódica, e já como assistente os meus apontamentos, enquanto aluna, ainda eram fotocopiados e utilizados pelos então já meus alunos.

Licencio-me em 1987, concorro a assistente, compro um carro e com ele o sonho da independência... O meu pai foi o meu fiador, pois o carro era pago através de letras, um Ford Fiesta de cor preta.

Após terminar o equivalente ao mestrado (Provas de Aptidão Pedagógica) em Materiais Semicondutores na Universidade Nova de Lisboa, ingresso no doutoramento, tendo o mesmo sido concluído em 1995 na área de Microelectrónica

e Optoelectrónica, com um trabalho na área dos sensores de posição de grande área de silício amorfo. Trabalho que esteve na génese de um projeto científico, financiado pela NATO, em que esses sensores de posição eram utilizados como alvos nas carreiras de treino de tiro utilizadas pelos militares, sendo as balas substituídas por feixes laser.

Nessa altura o meu pai é vítima de uma doença grave e num espaço de seis meses deixou de estar entre nós, com apenas 55 anos, não tendo podido assistir a algo que desejava muito e que o ia deixar muito orgulhoso: a cerimónia do meu doutoramento.

Depois de finalizar o doutoramento, e já com a vida académica mais organizada, caso-me em 1996, aos 32 anos, com Rodrigo Martins. Passado um ano, a 13 de julho, nasce a minha filha. E porque há estranhas coincidências

cias do destino, a minha filha chama-se Catarina Fortunato Martins, cuja abreviatura, CFM, é precisamente a mesma do local onde a minha vida como cientista começou: Centro de Física Molecular. Há coisas para as quais se parece estar mesmo destinado!

Entretanto, e estando na carreira académica, acabei por fazer todo o meu percurso: depois de ser assistente passo a professora associada, em 1998, e finalmente, em 2012, passo a professora catedrática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, por concurso a vagas de mérito, abertas pelo então diretor, prof. Fernando Santana, grande visionário da Universidade, que infelizmente acabou de nos deixar, este ano, de forma súbita.

Desde Setembro de 2017 que integro a equipa reitoral na qualidade de vice-reitora com o pelouro da investigação científica, área que conheço bem e para a qual a Universidade conta com o meu apoio.

Em 1998 fui eleita como coordenadora do CENIMAT – Centro de Investigação de Materiais, que desde 2006, integra o Laboratório Associado i3N – Instituto de Nanoestruturas, Nanomodelação e Nanofabricação, tendo o mesmo sido avaliado no passado



Família e trabalho No batizado da filha Catarina, em 1997, e no seu laboratório durante a entrevista que o JL lhe fez em 2016



mês de dezembro conseguindo renovar o estatuto de Laboratório Associado, ocupando o top 10 dos laboratórios com a classificação máxima de 100%.

Na área da investigação científica o meu trabalho teve dois marcos muito grandes e que contribuíram para posicionar Portugal como país pioneiro nas áreas da Eletrónica Transparente e Eletrónica de Papel.

A invenção do primeiro transistor de papel, e o facto de ter

mostrado que o papel como nós o conhecemos pode ser utilizado como um material de eletrónica, revolucionou a área da eletrónica, para além de permitir fabricar dispositivos e circuitos integrados com materiais sustentáveis, utilizando tecnologias de processamento amigas do ambiente.

Recordo com muito carinho, entre as várias notícias saídas na altura, o título da revista *The Economist* sobre o transistor de

papel: “Looks good on paper: A new use for a common material.”

Em 2008 concorri na área da eletrónica transparente ao primeiro concurso de bolsas do European Research Council, ganho e fico no primeiro lugar com uma bolsa no valor de 2,25 M€. Dez anos mais tarde, concorri novamente e ganho a segunda bolsa, desta vez com o valor máximo de 3,5 M€, tendo sido o projeto com um financiamen-

to mais elevado atribuído a um investigador em Portugal.

Ao longo dos anos tenho tido o prazer imenso do reconhecimento da investigação que faço, quer a nível nacional, quer a nível internacional, traduzido em distinções e prémios. De todos, os que guardo numa zona especial do meu coração são: o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, em 2010, atribuído pelo Presidente da República; o Prémio Czochozalski, atribuído pela Academia Polaca de Ciências e o E-MR, em 2017; o Prémio Horizon Impact Award, atribuído pela Comissão Europeia, em 2020; e, agora, o Prémio Pessoa.

Durante cinco anos integrei a Comissão de Alto Nível de Aconselhamento Europeu, que me deu uma visão integradora da Europa, da forma como deve ser feito o aconselhamento científico e a importância que tem na definição de instrumentos a implementar pela Comissão Europeia e pelos estados membros.

E a este breve percurso de vida, posso acrescentar que adoro cozinhar. Como passatempos, a cozinha para mim é fonte de inspiração e assim como na investigação o momento da descoberta é mágico. Alguém uma vez já disse que “O sabor da vida depende de quem a tempera”, e por acaso tenho esta frase escrita na minha cozinha! JL

PARA ARTISTAS
E INSTITUIÇÕES PRIVADAS
DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

ARTES VISUAIS
CINEMA
DANÇA
TEATRO

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

APOIO À

CRIAÇÃO ARTÍSTICA

CANDIDATURAS
ATÉ 30 ABR

GULBENKIAN.PT